

# *A (re)mergência do pan-africanismo cabo- verdiano*

Um olhar a partir dos movimentos sociais  
urbanos nas cidades da Praia e do Mindelo

[Redy Wilson Lima – CEsA/CSG-ULisboa,  
Seminário RIDE, Uni-CV, Praia, 03 julho 2023]





## Pontos de análise

- O contexto sociopolítico do surgimento das manifestações em Cabo Verde;
- A sua natureza e ligação com os protestos africanos e com a ideologia pan-africana;
- O papel desempenhado pelo rap no processo.



# Cronologia de protestos 2006-2022

- **2006:** petição “Salvemos o ilhéu de Santa Maria”;
- **2007:** ação popular exigindo o cumprimento do ETCP e denunciando a corrupção e o nepotismo;
- **2008/2009:** projeto Blogjoint;
- **2010:** marcha Cabral (redefinido em 2013 e repetido todos os 20 de janeiro);
- **2010:** petição “Salvar Éden Park”;
- **2010:** movimento “Cordá Monte Cara”;
- **2011:** movimento “Basta de Apagões”;
- **2013:** movimento anticorrupção “Ação Transparência e Integridade”;
- **2014:** protesto 1º de Maio;
- **2015:** protesto contra a aprovação no novo ETCP;
- **2015:** ocupação Djéu;
- **2015:** criação do MFPA-CV;
- **2017:** protesto 5 de julho;
- **2017:** participação de ativista na Escola Nkrumah para o pan-africanismo;
- **2022:** movimento “Sima Nu Sta Nu Ka Podi Fika”

# Vagas de protestos africanos

- **1ª vaga:** iniciado nos **anos de 1940-50** (Aidi, 2018; Mueller, 2018) – o pan-africanismo, enquanto ideologia e movimento, encorajou solidariedade entre os africanos em todo o mundo contra o sistema colonial europeu;
- **2ª vaga:** entre os **anos de 1980 e 1990** (Aidi, 2018; Mueller, 2018) – como resposta às políticas de austeridade promovidos pelos programas de ajustamento estrutural;
- **3ª vaga:** de **2005 a 2014** (Aidi, 2018); de **2011 a 2016** (Mueller, 2018) – como resposta à intensificação das políticas de austeridade incentivadas pela guerra contra o terrorismo – foram registados aproximadamente **19.816 grandes protestos**.



# Movimentos sociais africanos

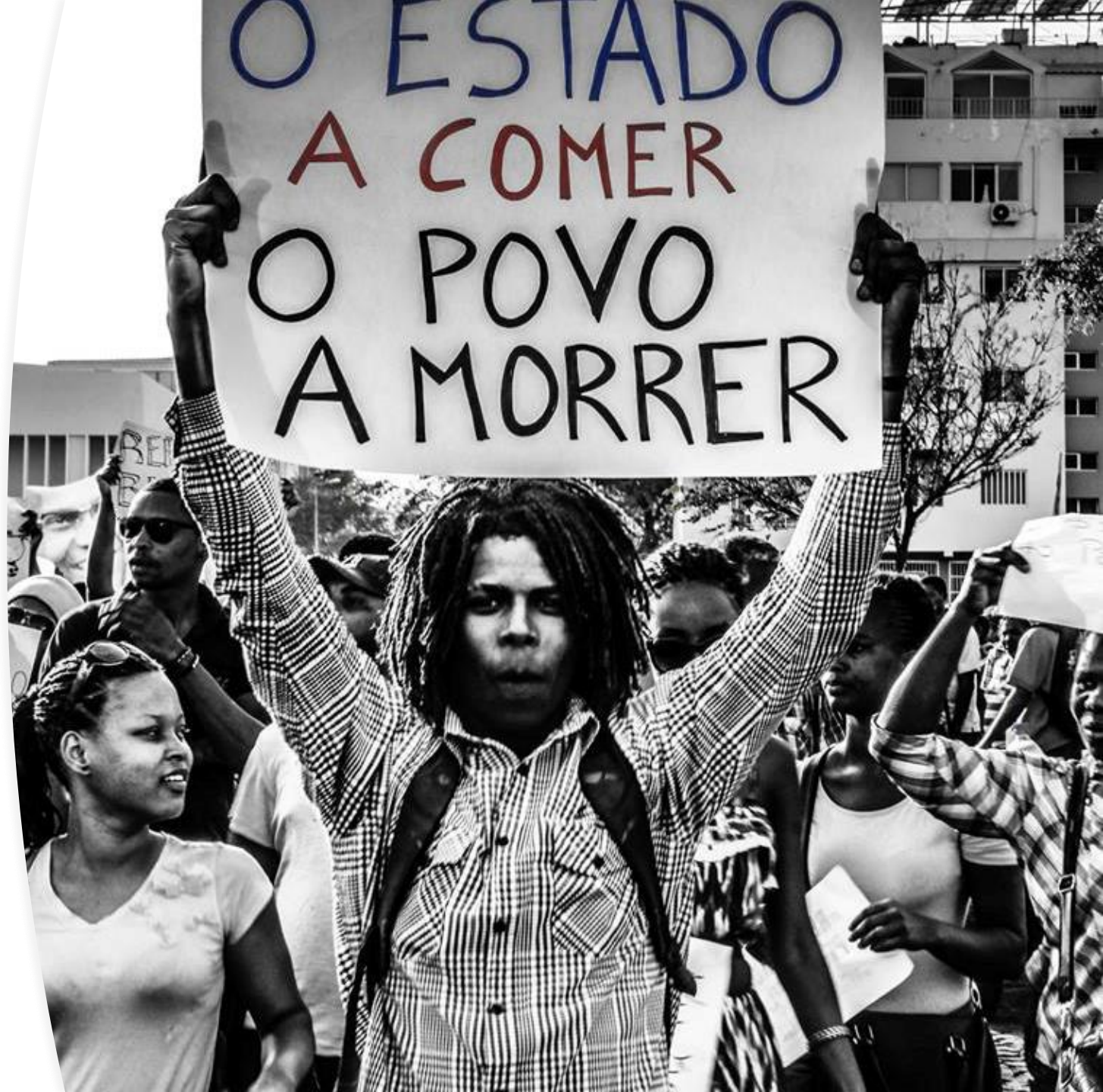
---

- A literatura dos movimentos sociais tende a olhar os protestos através de dois distintos processos confluentes e a centrar-se apenas nos seus aspetos formais: o seu início e o seu crescimento popular – esta análise nos oferece um diagnóstico incompleto.
- O uso do termo vaga permite identificar a continuidade dos protestos e movimentos sociais.
- As vagas de protestos promovem transformações na sociedade e não nas estruturas de governação.
- Elas não ocorrem num vazio, mas num contexto herdado por uma anterior mobilização.

# Vagas de protestos cabo-verdianos

- A historiografia mostra que a história cabo-verdiana é uma história de resistência cultural, política e de revoltas (Vieira, 1986; Silva, 1996; Mascarenhas, 2014).
- **Antecedentes históricos:** iniciado com a auto-libertação dos escravizados e a edificação de comunidades autónomas nas montanhas e vales profundos – eventos de 1835 e as revoltas dos camponeses em Santiago e dos trabalhadores em São Vicente;
- **1ª vaga:** iniciado **em 1950** com a criação do PAIGC;
- **2ª vaga:** entre os **anos de 1980 e 1990** – como resposta à crise económica e política e como resultado das políticas de reestruturação económica promovidos pelos programas de ajustamento estrutural (marcado pela ONGficação da oposição e da sociedade civil – o (re)nascimento da sociedade servil;
- **3ª vaga:** da segunda metade dos **anos de 2000 a 2017** – como resultado do paradoxo da prosperidade, do estado da dependência e da produção de uma política de inimizade – O apelo à política da dignidade (através de uma política de indignação).

- “Com a independência, recebemos a ajuda da comunidade internacional, que foi bem gerida, de um modo geral, mas pergunto: será que essa ajuda foi usada no sentido de criarmos, de facto, um país capaz de viver de forma autónoma?” (Germano Almeida em entrevista com Vicente Lopes, 2014).
- A gestão de um país pobre e sem “recursos” como se rico fosse, o que tem provocado grandes tensões entre os partidos políticos e respetivos membros muito virados para os seus próprios umbigos e o “povo”.
- Uma crise de reprodução de distribuição social e de crescimento económico desde a independência (Silva, 2014).



# Cenário sociopolítico

- **2013, INE:** a classe política em que menos se confiava eram os deputados (48,8 por cento declararam que os políticos não dão respostas às suas necessidades).
- Apenas 49 por cento da população identifica-se com um partido político.
- Cerca de 44,5% acreditava que a incidência da corrupção era preocupante e 40,9% que o governo era pouco eficiente no seu combate.
- **2017, Afrobarometer:** a maioria considerava que o país era mal dirigido e, tal como em 2014, cerca de metade entendiam que a situação económica do país era má.
- Cerca de 76% mostravam-se poucos satisfeitos com o funcionamento da democracia e 82% achavam que os políticos nunca, ou poucas vezes, fazem o melhor para os ouvir.
- **2021, Afrobarometer:** cerca de 41% consideram que a democracia apresenta grandes problemas e cerca de 82% dos jovens entre os 18 e 35 anos não se mostram satisfeitos com ela e não se sentem representados.
- Os jovens são os que menos participam nas eleições, mas que evidenciam grandes preocupações com a governação, em matéria da gestão do desemprego, criminalidade, desigualdade e pobreza.





# O papel do movimento rap

- Pensar o rap enquanto plataforma pan-africana (Clark, 2018).
- Tornou-se na expressão mais poderosa em África por onde as velhas identidades africanas foram desconstruídas e reconstruídas (Saucier, 2011).
- Introdução do *revolutionary gangsta rap* no Mindelo nos anos de 1990 e na Praia entre os anos de 2000 e 2010 (Ra-Teknolojia: mistura ideológica e identitária do pan-africanismo cabralista e garveyrista e a estrutura organizativa inspirada no PAIGC e nos Black Panthers Party).
- (Re)interpretação da ideologia *Thug Life* de Tupac, base do processo de (re)construção identitária juvenil “periférica”



# Outras contribuições

---



- O coletivo *Rappers Unidos* promove em 1997 a união entre os *rappers* mindelenses numa única família do *hip-hop*;
- A promoção dos princípios do hip-hop redefinidos por KRS-One pela Associação Movimento Hip-Hop;
- A influência da Associação Djuntarti no processo da criação do Festival Hip Hop Konsienti pelo movimento Shokanti (EUA), através de um projeto de liderança comunitária;
- A criação em 2010 da Marxa Cabral pela Djuntarti em parceria com a Associação *Fidjus di Cabral* (Holanda);
- A organização de leituras coletivas de textos de Cabral para o aprofundamento das teorias de revolução junto de rappers e ativistas pelo historiador Kwesi Tafari;
- O contributo da Plataforma Gueto na organização de um conjunto de eventos de consciencialização política na Praia;
- As ideias revolucionárias de Mirú, ativista dos *Nation of Islam* residente no Mindelo;

# Elementos para pensar o rap cabo-verdiano como um movimento social?

---

- Preocupa-se com as questões sociais e políticas e tem como referência uma identidade histórica africana;
- Apropria-se do discurso cabralista para falar em nome do africano subalternizado;
- Tem como adversário a elite política local que acusa de, por estar aliada à oligarquia global, explorar o seu irmão africano;
- Busca através das suas narrativas e ações contribuir para a descolonização das mentes, de modo a alcançar a renascença africana, entendida como o único meio de alcançar a libertação total do povo africano.
- Isto significa que a experiência adquirida nos territórios em resistência lhe forneceu uma política de identidade e nos princípios do pan-africanismo encontrou ferramentas úteis para a reconquista da sua personalidade africana.
- Assim, ao reposicionar-se social e politicamente, articulando as suas ações com outros movimentos, estão a criar condições para a transformação de toda a estrutura social.
- Uma intelectualidade orgânica de rua, uma nova figura social e política cabo-verdiana de inclusão e mediação pan-africana. De um lado, por se ter destacado na mediação dos processos de paz no contexto da violência dos gangues e como veículo de transformação dos gangues em organizações de rua. De outro, por ter tornado público os discursos infrapolíticos contra um sistema de Estado-bipartidário pós-colonial e nocivo aos interesses do cidadão comum e por ter servido como fundo sonoro às grandes movimentações de rua.

# O rap e o pan-africanismo

- Uma grande influência da diáspora cabo-verdiana no processo, em que, através do hip-hop, buscaram manter vivos os ideais do pan-africanismo, esquecidos pelas figuras da independência (Barros & Lima, 2012), criando uma espécie de identidade negra global (Clark, 2018) e no processo contribuindo para a indigenização do *rap* cabo-verdiano (Lima, 2020).
- A partir do rap os jovens vêm questionando o legado colonial, permitindo uma releitura da história do arquipélago enquanto património cultural africano.
- Ao representar o cabo-verdiano como uma identidade racializada, fez renascer o debate em torno da conexão entre classe, espaço, raça, cultura e memória.



# Notas (inconclusivas)

---



- O rap proporcionou o acesso a uma plataforma transnacional e pan-africana de reivindicação que lhes permitiu produzir uma auto-reflexão, enquanto sujeitos políticos, e ler criticamente o contexto sociopolítico onde se inserem.
- Os rappers, autodeclarados revolucionários e mensageiros do povo, ao recuperarem o legado de Amílcar Cabral e os discursos pan-africanistas, contextualizaram historicamente a sua existência e deslocaram para espaço público dos principais centros urbanos os discursos infra-políticos dos becos e das pontas dos territórios em resistência. Com isso, apelaram constantemente à necessidade de unidade destes territórios, de modo a realizar uma nova luta pela dignidade coletiva e juvenil, criando condições para mobilizações em torno de movimentos como a MAC e o Sokols, no qual participaram ativamente.
- Embora os protestos cabo-verdianos coincidiram com os protestos africanos, não foram diretamente por eles influenciados.
- O hip-hop teve inspiração nos movimentos anti-racista, afrocêntrico e pan-africano norte-americanos. A MAC e os restantes na Primavera Árabe e as ocupações das praças europeias e norte-americanas.
- A aproximação aos protestos africanos ocorre muito mais tarde com as agendas africanas do MFPA e da Escola Nkrumah, que conectou ativistas cabo-verdianos e do continente.



# Notas (in)conclusivas

- Em termos ideológicos, tanto o MAC como o Sokols colocaram ênfase na questão classista (o segundo na regionalização/especificidade da identitária cabo-Verdiana – legado dos movimentos sociais mindelenses da primeira metade do século XX).
- O rap e os novos movimentos pan-africanos na questão identitária e de reconhecimento. Estes situam historicamente o seu legado na resistência dos africanos auto-libertos e mesmo se auto-identificando-se como cabralistas, subdividem-se em quatro vertentes: a renascença africana de Cheikh Anta Diop; o socialismo africano de Kwame Nkrumah; o rastafarianismo de Marcus Garvey; e o afrocentrismo de Molefe Kete Asante.
- **Questão para reflexão:** será que estamos perante uma 4ª vaga de protestos africanos e cabo-verdianos? (iniciado em 2020 com a crise pandémica).



Obrigado!